

PMS CPN GERIN

BIBLIOTECA

Jornal

Correio da Bahia

Data

09-05-95

Coluna

Página

31

Assinatura

Aguiar Salvador

Stalantap

Invasores ocupam calçada na Avenida Jorge Amado



Prefeitura promete relocar a comunidade, que vive em condições precárias na rua

Moradores da invasão Zumbi dos Palmares, na Avenida Jorge Amado, que liga a Boca do Rio ao Imbuí, se articulam numa comissão que leva o mesmo nome do líder negro para lutar contra o descaso ao qual são submetidos. Instalados numa das calçadas da avenida há duas semanas, após terem sido expulsos de uma área do terreno do Clube dos Médicos do mesmo bairro, onde viveram pacificamente nos últimos seis meses, os moradores afirmam que estão expostos a acidentes, violência e doenças. Segundo uma das moradoras da invasão e integrante da comissão, Araci Santana Barreto, 29 anos, solteira e mãe de cinco filhos, os 600 moradores da Zumbi dos Palmares estão aguardando uma definição da prefeitura, que prometeu relocá-los para uma das áreas disponíveis do município.

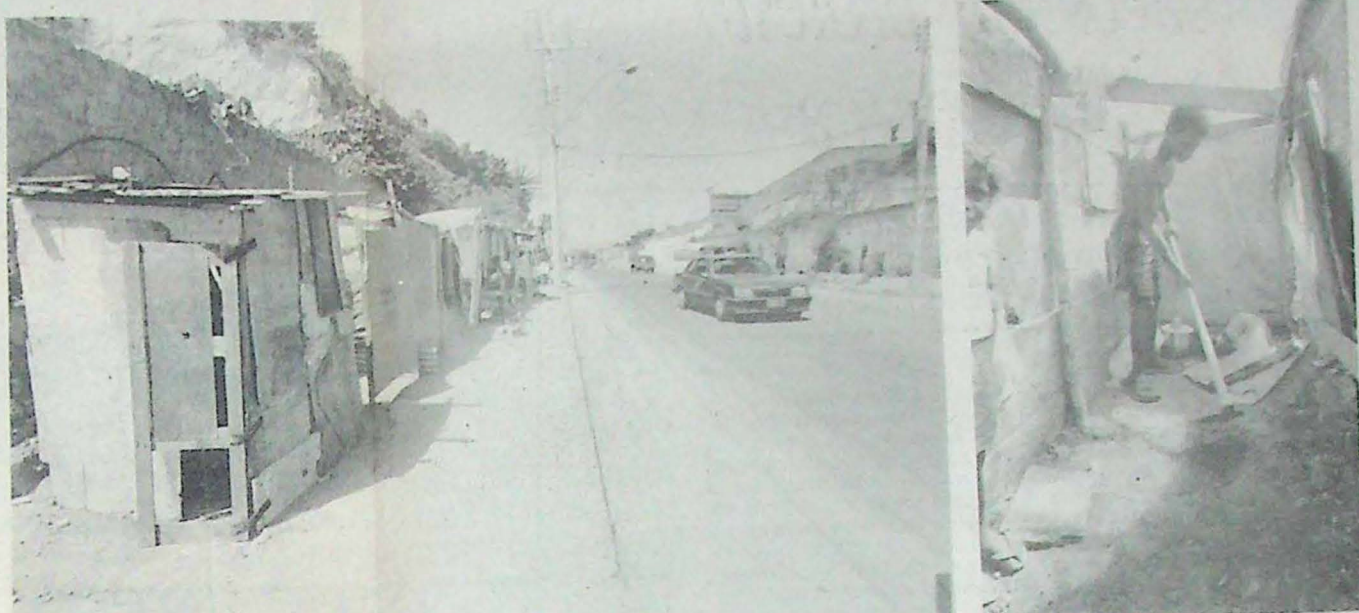
Segundo Araci Barreto, a expulsão do terreno do Clube dos Médicos se deu devido à quantidade de famílias que fizeram a invasão. Por isso não foi possível respeitar a área delimitada. O pessoal do clube deixou que a gente ficasse num espaço limitado. Mas foi chegando gente e aí passamos da área permitida", admite. Mas, ao mesmo tempo em que reconhece o descumprimento do "acordo", Araci lembra a agressividade com que foram expulsos. "Derrubaram os barracos da gente, bateram, ameaçaram. Tem pai de família que teve documentos queimados... Do meu barraco só sobraram seis mudas de roupa e mais nada", lembra.

Mesmo após a expulsão, os moradores da Zumbi dos Palmares continuaram sofrendo agressões. "Na semana passada, depois que já haviam tira-

do a gente de lá foi um horror. Estávamos reunidos comendo um feijão que uma senhora moradora do bairro trouxe, e aí os capangas jogaram um coquetel molotov", conta. O saldo, segundo ela e demais moradores do local que testemunharam a cena, foi a queimadura em todo o corpo da mulher que tentava ajudá-los. "A moça está internada no HGE com queimadura por todo o corpo".

Relocamento — A Comissão Zumbi dos Palmares atua em três frentes: uma contra a violência praticada por seguranças do Clube dos Médicos, um grupo que cuida do deslocamento junto à prefeitura, e uma subcomissão fica responsável pela arrecadação de doações, alimentos e remédios. Se a situação é difícil, principalmente porque os barracos foram instalados na parte baixa de uma encosta, os desabrigados pelo menos não sofrem rejeição dos outros moradores da Boca do Rio, exceto alguns do Condomínio Vista Azul. "A sorte da gente não é pior porque o pessoal do bairro ajuda. Uns dão comida, outros água, outros vale-transporte", esclarece Araci Barreto.

Com reunião marcada com um técnico da Secretaria de Terras do Município, na manhã de ontem a Comissão de Zumbi dos Palmares tinha uma posição para defender durante o encontro. "A gente tá solicitando uma área para todo mundo ir junto. Só queremos sair daqui de vez. O secretário disse que ia assentar a gente aos poucos, mas não queremos. Tem que ajudar todo mundo de vez", disse. E justificou a exigência. "Quem ficar por último vai ser esquecido. E se a gente tivesse casa de parente para ir morar não estava na rua, sujeito a tanto descaso", observa.



Em barracos de madeira e lona, na calçada da Jorge Amado, as pessoas vivem em condições totalmente insalubres

Moradores dividem a pobreza

"Desabrigados", "descamisados", "semi-teto", "favelados". Essas são algumas das denominações como são identificados os moradores da Zumbi dos Palmares, e tantas outras invasões espalhadas pelos quatro cantos da cidade. Embora tenham histórias de vida peculiares, a pobreza, a fome e o desemprego permeiam o cotidiano dos 600 moradores da invasão. A própria maneira como se referem à vida e arrumam suas tendas nas calçadas ou em terrenos alheios já evidenciam que são uma "classe" à parte.

Entre os moradores da Zumbi dos Palmares há uma diversidade de histórias. Muitas moradoras são mães solteiras que vão tocando a vida e criando os filhos. Algumas são domésticas que sonham e batalham para que o futuro dos filhos não seja servindo na "cozinha dos brancos". Outros são pais de família que sobrevivem de bicos e sustentam a casa, mulher e filhos com a remuneração de subempregos. Um exemplo é a doméstica Vera

Pinheiro, 36 anos, mãe de quatro crianças e solteira. Antes ela morava numa casa alugada em Itapua, onde pagava R\$100,00. "Trabalhava numa casa de família na Barra. Aí fui despedida e fiquei na rua, porque o salário só dava para pagar o aluguel", conta.

Assim como Vera, outras pessoas têm origem semelhante. "Vim para a invasão porque não tinha onde morar nem como pagar o aluguel. Desde que expulsaram a gente tô morando na casa da minha patroa com meus cinco filhos. Dei sorte, mas a maioria do pessoal aqui tá numa situação pior que a minha", diz a doméstica Valdinéia Freitas, 38 anos. Em comum para os que não recebem ajuda são as condições precárias de sobrevivência. Instalados nas calçadas não dispõem de instalações sanitárias. Tomam banho na Lagoa de Pituaçu, cozinham em fogareiros armados na calçada e vão levando a vida. "Fazer o quê?", questionam alguns.

Sem prazo para cadastramento

Os invasores da Zumbi dos Palmares serão cadastrados pela Secretaria Municipal de Ação Social e relocados para outra área, afirmou ontem o secretário de Terras e Habitação do Município, Gersulino Moraes. Ele não soube, entretanto, informar quando será iniciado o cadastramento definido em reunião entre representantes da invasão, da Federação da Associação de Bairros de Salvador (Fabs) e da própria Secretaria de Terras e Habitação da prefeitura, na última sexta-feira.

Quanto à questão da insalubridade local, provocada pelas instalações

precárias dos invasores, Moraes disse que tanto o pessoal da Zumbi dos Palmares quanto os moradores da região da Boca do Rio terão que conviver com o problema até que seja feito o cadastramento. Ele acrescentou que, quando ocorreu invasão do terreno do Clube dos Médicos, há seis meses, havia apenas 20 pessoas. "No último mês, esse número cresceu desordenadamente e há 600 novos invasores", completou. A situação, na avaliação de Moraes, tem uma explicação óbvia: Salvador é uma cidade cujo déficit habitacional chega a 200 mil moradias.